



ANSEIOS E DESEJOS: MULHER MADURA E A MODA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

Claudia Schemes¹

Paulo Henrique Saul Duarte²

Magna Lima Magalhães³

RESUMO

Este artigo tem como foco de discussão as mulheres com mais de 65 anos e sua relação com a moda, visto que essa área do conhecimento é pouco explorada do ponto de vista científico. O estudo pretende elaborar algumas reflexões sobre as mudanças que ocorrem na maneira de vestir e no estilo dessas mulheres, além de relacionar as transformações do comportamento feminino no século XX e suas influências nas mulheres maduras no século XXI. Para tanto, lançamos mão da técnica de entrevista em profundidade para discutir acerca de questões que abordam o envelhecimento e, em especial, as transformações no vestir. Ressalta-se que a discussão proposta neste trabalho é um fragmento de uma pesquisa mais ampla vinculada ao projeto A Vestimenta feminina e os diferentes olhares da mulher madura: moda, cultura e identidade.

Palavras-chave: Mulher. Envelhecimento. Moda.

ABSTRACT

This article has a specific focus on women over 65 years and his relationship with fashion, as this area of knowledge is rarely explored from a scientific point of view. The study intends to reflect on the changes that occur in dress and style of these women, in addition to relate the change in female behavior in the twentieth century and their influence on mature women in the twenty-first century. Therefore, we used the in-depth interview technique to discuss the issues that address aging and in particular the changes in dress. It is noteworthy that the proposed discussion in this paper is a fragment of a larger research project linked to Female clothing and different looks mature woman, fashion, culture and identity.

Keywords: Woman. Aging. Fashion.

¹ Doutora em História, professora do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Coordenadora do projeto de pesquisa A Vestimenta feminina e os diferentes olhares da mulher madura: moda, cultura e identidade. *E-mail:* claudias@feevale.br.

² Acadêmico do curso de Moda, bolsista de Iniciação Científica do grupo de pesquisa Cultura e Memória da Comunidade da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). *E-mail:*sd_p2@hotmail.com.

³ Doutora em História, professora do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Colaboradora do projeto de pesquisa A Vestimenta feminina e os diferentes olhares da mulher madura: moda, cultura e identidade. *E-mail:* magna@feevale.br.



1 INTRODUÇÃO

A moda é uma área de estudo pouco explorada no âmbito científico, porém não carece de temas a serem desenvolvidos e estudados, como design, produção, estilismo, varejo, setor industrial, que são extremamente impactantes na sociedade e no mercado. A moda possibilita a reunião e a troca de experiências entre diferentes indivíduos.

De acordo com Barnard (2003, p. 76), moda e indumentária “são culturais no sentido de que são algumas das maneiras pelas quais um grupo constrói e comunica sua identidade”. Crane (2006), por sua vez, informa que o vestuário é fundamental para a construção social da identidade. Historicamente, as roupas foram o principal meio pelo qual as pessoas se identificavam na sociedade e, mesmo tendo os contrastes reduzidos ao longo dos séculos – até o século XVIII a distinção de classes era expressa visualmente de forma bastante ostensiva –, as pessoas continuam se identificando através de suas vestes. Segundo a autora, a escolha do vestuário oferece “um excelente campo para estudar como as pessoas interpretam determinada forma de cultura para o seu próprio uso, forma essa que inclui normas rigorosas sobre a aparência que se considera apropriada num determinado período (o que é conhecido como moda)” (CRANE, 2006, p. 21).

A maneira de vestir pode ser considerada como uma forma de expressão dos sujeitos e como identificação da cultura e de traços da identidade do indivíduo. “Na moda, e por ela, os sujeitos mostram-se, mostrando os seus jeitos de ser e estar no mundo, o que os posiciona neles” (OLIVEIRA, 2004, p. 10).

Tendo como perspectiva a relação profícua entre moda, elaboração cultural e identidade, o presente estudo propõe pensar acerca das relações estabelecidas entre a mulher madura, com mais de 65 anos, e a moda. Por essa perspectiva, acionamos um tema que cada vez mais passa a ser discutido em diferentes esferas da sociedade: o envelhecimento.

Moraes (2011, p.430), em seu estudo sobre corpo e envelhecimento, menciona que:

O tema torna-se constante no século XX, principalmente a partir do pós-guerra. As mudanças demográficas que acompanharam a segunda metade desse período e a expansão progressiva dos sistemas previdenciários estão na raiz da discussão sobre envelhecimento naquele momento.

Segundo a autora, o debate sobre envelhecimento no século XXI ganha mais força impulsionado, principalmente, pelo aumento da expectativa de vida e pela redução do número de nascimentos.

Em se tratando de Brasil é durante a década de 1970 que inicia uma “gestão da velhice”, cujo avanço se deve à ação do Ministério da Previdência e Assistência Social, que, em 1977, elabora uma política social do idoso. A partir de 1990, a velhice no Brasil tem atenção maior através das políticas sociais mais abrangentes, como a Política Nacional do Idoso, em 1994, e o Estatuto do Idoso, em 2003 (MORAES, 2011).



Lopes et al (2012, p. 52), em um artigo intitulado Envelhecimento e Velhice: pistas e reflexões para o campo da moda, realizam o seguinte questionamento: “Como o campo da moda, cuja dinâmica básica de funcionamento gira em torno do conceito de juventude, pode contribuir para a tarefa de pensar e propor espaços e imagens que correspondam às diferentes possibilidades de envelhecer?”

A partir dessa provocação, pretendemos discutir ou possibilitar reflexões sobre o envelhecimento e suas diferentes faces e relações como forma de colaborar com o debate. No que tange a este estudo, propomos pensar a relação entre moda e envelhecimento a partir de algumas questões, sendo elas: em que momento a mulher madura percebe a necessidade de alterar o seu modo de vestir? Qual relação pode ser estabelecida entre alterações no modo de vestir e uma padronização da roupa como um demarcador de envelhecimento?

No processo de investigação em busca das respostas, elegemos os termos “madura” ou “velha” para as mulheres de mais de 65 anos, respaldados em Motta (2012, p. 96), que assevera: “atualmente está se tentando reabilitar a palavra velho/velha proscrita pela ânsia da sociedade de consumo em eufemizar a idade e disfarçar a fobia social a essa etapa da vida, ao mesmo tempo em que oferece serviços específicos para a terceira, melhor ou feliz idade”.

Organizamos o estudo da seguinte forma: em um primeiro momento, apresentamos um breve histórico acerca da história das mulheres e, por conseguinte, elaboramos algumas percepções respaldadas na interlocução com duas entrevistadas. Cabe destacar que utilizamos a técnica da entrevista em profundidade, já que é uma técnica qualitativa que explora determinado assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências das pessoas entrevistadas.

Segundo Duarte e Barros (2009, p. 63), essa técnica de pesquisa

[...] explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisa-las e apresenta-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística. A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que deseja conhecer.

Para o propósito deste estudo, selecionamos duas entrevistas aleatoriamente, do total de seis realizadas até o momento, sendo assim, é importante ressaltar que trabalhamos com “fragmentos” que servem para instigar a discussão de um tema ainda pouco explorado que é a moda e a sua relação com o envelhecimento. Dessa forma, as reflexões apresentadas neste trabalho são um exercício de problematizar e trazer à tona questões atuais e que ainda carecem de subsídios para o debate. O estudo vincula-se ao grupo de pesquisa Cultura e Memória da Comunidade, da Universidade Feevale, a partir do projeto de pesquisa intitulado: A vestimenta feminina e os diferentes olhares da mulher madura: moda, cultura e identidade.



2 A MULHER NA HISTÓRIA

As primeiras décadas do século XX apresentaram mudanças significativas em relação ao comportamento feminino que incomodaram a sociedade conservadora da época. A mulher das classes média e alta, que antes estava praticamente isolada em casa, passou a estar presente nas ruas da cidade, da mesma forma que passou a frequentar escolas que antes eram reduto quase que exclusivamente masculino. Já para as mulheres pobres, restavam as fábricas, os escritórios comerciais, os serviços em lojas ou em casas de família.

Essas mudanças do comportamento feminino impulsionadas pelas transformações que a sociedade urbana estava vivendo vinham carregadas de um sentimento de inconformismo. Ele acontecia devido à maneira depreciativa com que as mulheres se viam e eram vistas pela sociedade, que as privava tanto das atividades econômicas quanto das políticas.

Nessa conjuntura, passou a ser disseminado um novo modelo de feminilidade. A imagem da mulher como mãe-esposa-dona de casa passou a ser divulgada pela imprensa, legitimada pelo Estado, defendida pela Igreja, ensinada e cientificamente provada pela ciência moderna.

Segundo afirmam Maluf e Mott (1998, p. 372),

[...] o dever ser das mulheres brasileiras nas três primeiras décadas do século foi, assim, traçado por um preciso e vigoroso discurso ideológico [...] que acabou por desumanizá-las como sujeitos históricos, ao mesmo tempo em que cristalizava determinados tipos de comportamento [...].

A partir desse momento, a mulher passou a ser responsável pela vida de seus familiares. O controle de horários, a prevenção de doenças e os desvios de seus membros estavam entre suas tarefas e responsabilidades.

De acordo com o pensamento difundido naquela época, a diferença entre homens e mulheres tornava-se acentuada na sociedade, dessa forma, delimitava os limites do papel social da mulher, que ficou restrito ao espaço privado da sua casa. A imagem de “rainha do lar” tinha o objetivo de reduzir ao máximo as atividades e as aspirações possíveis do sexo feminino. Toda essa ideologia era baseada na crença de uma “natureza feminina” que fazia da mulher um ser biologicamente estruturado para desempenhar as funções do lar, enquanto o homem era naturalmente predisposto para o trabalho (MALUF; MOTT, 1998).

Assim, essa construção de um modelo quase que santificado da mulher influenciou também suas condutas e opções no mercado de trabalho (para aquelas que tinham a oportunidade ou a necessidade de trabalhar), que acabou por determinar as suas opções profissionais, ou seja, elas poderiam optar entre a atividade de professoras primárias, enfermeiras, domésticas, operárias, costureiras, telefonistas, datilógrafas.

De qualquer maneira, as funções realizadas pelas mulheres estavam sempre submissas ao homem ou subordinadas a um chefe masculino, sendo que a elas restava ser ajudante ou assistente, sem



nenhum poder de decisão. Nesse sentido, conforme Rago (1987, p. 67), “estabelece-se então uma relação pedagógica e paternalista de subordinação da mulher frente ao homem, exatamente como no interior do espaço doméstico”. O chefe, assim como o pai e o marido, deveria ser obedecido e respeitado pelo sexo feminino, já que as mulheres não teriam capacidade para decidir suas vidas sozinhas.

Sob esse enfoque, a imagem da mulher frágil e desamparada, incapaz de pensar e agir e dotada de um espírito servil por natureza era um dos argumentos mais consistentes para manter o sexo feminino longe das fábricas. As indústrias eram consideradas um lugar impróprio para as mulheres, por serem perigosas e por causa da falta de delicadeza dos chefes e contramestres com o sexo frágil.

Nesse sentido, o ser mulher construído durante o início do século passado envolve todos os campos – ciência, religião e governo – numa união pela tentativa de constituir a imagem da família perfeita, com um pai, o provedor da esposa e dos filhos, uma mãe abnegada, responsável pelo lar e pelos filhos, que deveriam ser educados para serem úteis aos preceitos modernos. Por tudo isso, a representação da mulher foi composta sobre o tripé esposa-mãe-dona de casa, estabelecendo que para elas a satisfação estava dentro do espaço do lar, não podendo acontecer no trabalho, enquanto para os homens não haveria realização dentro de casa, e sim no trabalho (RAGO, 1987).

Pode-se dizer, então, que o sexo feminino se submetia à imagem de rainha do lar e mãe abnegada, mas, ao mesmo tempo, havia vozes que lutavam pela igualdade de direitos entre os sexos, tentando garantir que elas também pudessem ter a sua força de trabalho valorizada, assim como os homens.

Toda a situação e a posição na qual a mulher se encontrava se revelava no modo com que ela se vestia. Considerando que as mulheres maduras de hoje constituíram a formação do seu modo de vestir ao longo de suas trajetórias e experiências pessoais, pode-se dizer que vários resquícios desses momentos estão presentes em suas escolhas na hora de se vestir. Essa mulher trata a moda de um ponto de vista diferente se comparada à mulher mais jovem, pelo fato de ter nascido e vivido em um período em que os valores morais e as normas de comportamento eram diferentes dos atuais. Sendo assim, as percepções de uma pessoa madura são influenciadas, direta e indiretamente, positiva e negativamente, por suas experiências passadas.

Além disso, à medida que a mulher se aproxima da maturidade, ela se depara com significativas mudanças em seu corpo, seu estilo de vida e sua maneira de pensar. Adaptações são necessárias, o que pode ser entendido dentro de um processo de construção de identidade, já que esta é processual, sempre incompleta, e é “formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes” (HALL, 2004, p. 38). Assim, o envelhecimento resulta em muitas mudanças na vida de uma mulher. A própria maneira de se referir às pessoas mais velhas gera controvérsias: Idoso? Velho? Maduro? Terceira Idade? Melhor Idade? Debert (1998) discorre sobre isso e comenta que no processo do envelhecimento os signos foram invertidos e assumiram novas designações: “nova juventude”, “idade do lazer”. Segundo ela, “inverteram-se os signos da aposentadoria, que deixou de ser um momento de descanso e



recolhimento para tornar-se um período de atividade, lazer, realização pessoal” (DEBERT, 1998, p. 63)

O ato de vestir pode ter efeitos físicos e emocionais nas mulheres jovens e velhas. Para estas últimas, pode significar um momento de desprendimento, de liberdade, de criatividade, já que nesse momento da vida não há mais tantas preocupações profissionais, sociais, com os filhos, etc.

O início do envelhecimento pode implicar algumas limitações de vestuário. Há quem não perceba tais mudanças em si mesmo, porém, mesmo que sutis, a vida da mulher que passa dos sessenta anos muda em vários aspectos, e um deles pode ser seu modo de vestir, que pode influenciar a própria identidade feminina. A esse respeito, Matos (2010) diz que

[...] as roupas constituem indicadores sutis de como são vivenciados as diferentes posições dentro de uma sociedade. O vestuário pode ser visto como um importante reservatório de significados passíveis de ser manipulados e reconstruídos e acentuar identidades pessoais (MATOS, 2010, p. 12).

Sendo assim, a roupa não só demonstra a classe social de uma pessoa, por exemplo, mas pode contar um pouco sobre as influências, as aspirações, os desejos, os medos, as inseguranças e várias outras características do sujeito. O vestuário não é simplesmente o que ele aparenta sozinho, mas, quando em um corpo, em uma pessoa, toma formas diversas e assume outros significados. Portanto, reescreve e conta a história das mulheres que hoje são maduras.

Segundo Bassit (2002, p. 175), “a contribuição que diferentes histórias de vida podem apresentar está pautada no pressuposto de que o envelhecimento é uma experiência diversificada e sujeita às influências de diferentes contextos sociais, históricos e culturais”.

A mesma autora informa que, muitas vezes, a visão que a sociedade e os especialistas têm dos velhos não é a mesma que eles têm deles próprios, ou seja, é muito importante ouvirmos o que eles nos dizem para podermos refletir acerca do processo de envelhecimento, suas representações e seus significados.

3 UMA CONVERSA SOBRE ESTILO, MODA E MATURIDADE

Para este artigo, selecionamos duas entrevistas: a de Ana, de 66 anos e Beatriz⁴, de 70 anos. Ambas residem em São Leopoldo, cidade conhecida pela sua relação estreita com a colonização alemã, posto que foi o local da chegada dos primeiros imigrantes alemães em 1824. A localidade fica próxima de Porto Alegre, capital do estado sul-rio-grandense.

Uma das entrevistadas, Beatriz, mora no centro da cidade e tem poder aquisitivo médio, estaria hoje classificada como sendo de classe média. Ana, por sua vez, reside em um bairro mais afastado da área central e tem poder aquisitivo mais baixo. Para este estudo, avaliamos importante pensar a partir

⁴ Optamos por utilizar nomes fictícios para as entrevistadas.



de mulheres que possuem uma proximidade de idade, residem na mesma cidade, porém em espaços diferenciados, e possuem situação financeira também diferenciada. As entrevistas foram realizadas individualmente, na residência das entrevistadas.

A interlocução com as entrevistadas iniciou com a seguinte pergunta: como você definiria seu estilo? Beatriz disse que seu estilo é “prático”, que ela explica que vem da combinação de calças e bermudas e algumas blusas, comentando o fato de ter somente dois vestidos. Contraditoriamente, Ana hesitou bastante para responder à pergunta, dizendo que não sabia explicar direito, mas concluiu que possui um “estilo próprio”, pois nunca prestou muita atenção do que está na moda e o que ela veste é criação de sua cabeça.

O que chamou atenção nessa primeira questão foi que ambas estavam vestindo roupas muito similares no dia de suas entrevistas – calça capri escura, blusa branca e rasteira – mesmo uma dizendo que não ligava para o que estava na moda, e a outra assumindo sua praticidade, o que reforça a ideia de que as roupas significam coisas diferentes para diferentes pessoas e que todos recebem uma grande quantidade de informação por dia. O conjunto de tudo isso é que vai, mesmo inconscientemente, influenciar suas decisões na maneira de vestir.

Para Barnard (2003, p. 128), as “palavras e imagens terão associações, ou conotações, diferentes para pessoas diferentes [...]”. Para o autor, toda roupa é uma representação e tem um significado que pode estar relacionado a uma emoção, uma ideia ou uma pessoa. Assim, o que uma mulher absorve e entende de uma composição de roupas pode ser completamente diferente para a outra devido ao simples fato de não serem a mesma pessoa.

A segunda pergunta relacionava-se às referências e às inspirações de moda que as entrevistadas possuem.

Beatriz e Ana dizem que não compram revistas nem procuram informações de moda, elas se consideram desprendidas das “ditaduras de moda” – nas quais tendências são criadas e repassadas para as consumidoras – e guiam-se muito mais pelos seus sentidos estéticos pessoais.

Entretanto, observamos que a televisão é uma influência importante, pois Ana conta que uma vez tinha comprado um chapéu de praia e viu na televisão uma mulher com uma roupa de uma cor e o chapéu da mesma cor, ela comprou tinta para tecido e pintou o chapéu. A entrevistada afirma que não foi a influência da mulher que a fez tingir o chapéu, mas, sim, porque gostou da ideia de combinação entre chapéu e roupa, criando uma composição monocromática.

Sobre a influência da televisão na maneira de vestir, Kegler (2008) afirma que, desde sua criação até o momento em que as novelas alcançaram o posto de programas mais vistos da televisão brasileira, elas se tornaram grandes influenciadores da moda. Dentre diversos exemplos, ela mostra que a novela provoca muitas vezes o desejo de identificação do telespectador com o personagem e que isso se dá através da indumentária.

Em relação à mídia, Bauman (2001) afirma que vivemos em “tempos líquidos modernos” e que ela tem um papel fundamental, pois leva os sujeitos a uma construção social e identitária padronizada, na



qual os espaços públicos são colonizados por questões privadas, o que podemos observar em relação às influências na maneira de vestir das depoentes.

Quando perguntadas sobre os critérios utilizados na escolha de uma roupa, Beatriz afirmou que o que a faz escolher uma peça ou uma composição é “evitar parecer ridícula” e exemplificou com bom humor: “eu já sou grande, então não vou usar uma manga morcego! Senão levanto os braços e saio voando!”

Certamente Beatriz ouviria tal dica de uma consultora de moda, mas ela tem constituído o que fica melhor no seu corpo sem necessariamente recorrer a uma revista de moda ou algum programa específico de televisão.

Por outro lado, Ana baseia-se única e exclusivamente nas cores para decidir o que vestir. Como ela mesma descreve, há dias em que sente que deve usar vermelho, ou azul, ou branco, ou qualquer outra cor, portanto, é imprescindível que ela tenha um guarda-roupa bastante colorido.

A partir dessas afirmações, podemos concluir que nem todas as mulheres maduras estão preocupadas com o que dita a moda, mesmo havendo um cuidado de Beatriz com o “não parecer ridícula”, que está muito mais relacionado com o preconceito de idade do que com a aparência do vestuário. Goldenberg (1998), em pesquisa realizada sobre corpo, envelhecimento e felicidade com mulheres brasileiras, informa que elas estão muito preocupadas em não parecerem “ridículas” através de comportamentos e roupas de jovens, para a autora, “em uma cultura em que o corpo é um capital, o processo de envelhecimento pode ser vivido como um momento de grandes perdas, especialmente de capital físico” (p. 31).

Segundo Hall (2000), somos a somatória de inúmeras mudanças e experimentações, assim, podemos dizer que o senso de estilo é o que engloba todas as preferências e as noções que essas pessoas têm sobre seu corpo e que levam em consideração na hora de fazer escolhas de moda. O que cada uma das entrevistadas leva mais em consideração na hora de escolher o que vestir mostra como elas lidam com as roupas e como estas refletem seus valores pessoais.

A questão do consumo de moda (roupas, sapatos, acessórios) foi abordada com as entrevistadas e ambas têm visões bastante parecidas em relação ao assunto.

O preço é a parte mais importante de um produto, porém cada uma observa e procura peças com preços em conta de forma diferente. Ana é “apaixonada” por tecidos e prefere ir à loja de tecidos e criar seus modelos, opção que pode ter relação com o fato de ela não ter renda própria, pois vive da pensão que os filhos lhe proporcionam. A entrevistada informa que não se preocupa com artigos de luxo, mas que, quando vê um tecido que lhe agrada, não consegue resistir. Cita o fato de ter comprado um tecido apenas para combiná-lo com alguns botões que tinha em casa.

Já para Beatriz, a qualidade deve ser considerada juntamente com o preço do produto. Ela gosta de comprar roupas quando viaja para o exterior, pois acredita que os produtos apresentam preço baixo e boa qualidade. No Brasil, ela prefere lojas populares e compra de algumas amigas que trazem



mercadorias da China, tornando o valor mais acessível. A entrevistada chama a atenção para a importância maior que atribui ao conforto em detrimento da estética e cita como exemplo uma marca de calçados que “não era bonito, mas era muito bom, durava bastante e eu tenho uma bota até hoje”.

Quando questionadas se achavam que seu estilo de vestir havia mudado com a chegada da maturidade, ambas disseram que não, mas Ana tem dúvidas em relação a se vestir adequadamente para sua idade, e Beatriz comentou que, depois de completar 50 anos, foi se tornando mais “na dela”.

A fase na qual elas se encontram é de entrada, de transição para a maturidade, o que gera um leque de possíveis mudanças. O consumo diminui e as exigências mudam. O corpo passa por mudanças e a mente também, o que muitas vezes não é encarado com tranquilidade. Entretanto, na sociedade contemporânea, a mulher já está mais preparada para essas mudanças e acaba encarando a nova experiência como uma continuação e até uma libertação de muitas das amarras sociais que antes as prendiam.

Outra pergunta direcionada às entrevistadas foi a seguinte: há alguma peça de roupa, calçado ou acessório que não usam mais, porém gostariam ainda de usar?

A esse respeito, ambas salientaram que existem impedimentos físicos para o uso de alguma indumentária. Ana indica o uso do salto alto, menciona que “se sente realizada em cima de um salto alto, porém não pode usá-lo devido às dores no joelho”. Beatriz comenta que costumava usar blusas com alças finas, mas que “hoje elas não ficam bem nos ombros”. De acordo com Moraes (2011, p. 440), “o corpo não é simplesmente a base sobre a qual se constrói uma percepção de si. A maneira de senti-lo, de abordá-lo, as relações que se estabelecem com e por meio dele são os conteúdos dessa subjetividade.” Poderíamos pensar o “não ficam bem” mencionado a partir de um sentido simbólico, em que a relação corpo e envelhecimento está envolta pelo permitido e não permitido, o que cai bem e o que não cai bem, um jogo sutil de uma construção da relação envelhecimento e estética aceitável vai se estabelecendo de forma nem sempre nítida em nossa sociedade, porém eficiente.

Algumas alterações no modo de vestir da mulher madura são, segundo elas, inevitáveis, entretanto o estilo pessoal da mulher não muda em função disso. Observamos que, quando as mulheres mais velhas se sentem impedidas de usar algo em função de alguma parte do corpo que não lhes agrada, outra característica é acentuada para compensar.

Conversando com essas duas mulheres, observamos que elas têm consciência das mudanças que estão incutidas no processo de envelhecimento, mas as aceitam de uma forma muito tranquila.

Beatriz comenta que não sente que mudou, pois nunca foi de usar nada “fora do normal”, pois seu estilo é muito “básico”. Já Ana, por mais que se considere fora do comum, fala com orgulho que isso é algo natural dela. Ela diz que ser diferente e destacar-se por sua personalidade é intrínseco e completamente não intencional. Segundo ela, “às vezes as pessoas dizem que eu não tenho mais idade pra vestir o que eu visto, mas eu não me sinto assim, eu me sinto bem”, dizem: “só podia ser a Lena”. “Nessa idade as pessoas acham que temos que assumir a idade, cortar cabelo curto, parar de usar decote, mas eu não sinto esta necessidade”, afirma a entrevistada.



Notamos que, ao mesmo tempo que há uma liberdade com a chegada da maturidade, há também os estereótipos de mulher madura que a sociedade impõe juntamente com as normas do aceitável e do não aceitável em termos de comportamento e de vestimenta.

Como contado por Ana, isso nem sempre é uma coisa boa, e narra um episódio: ao visitar uma nova vizinha muito idosa para cumprimentá-la e dar as boas-vindas ao bairro, a senhora comentou: “Foi bom que tu vieste aqui, vou te dizer uma coisa, desde o dia que me mudei pra cá, cada estalinho do teu portão eu estou te cuidando. Tu parece ser muito certinha, pelo jeito que tu te veste”. Pasma, Ana disse que não foi a primeira vez que ela é notada pelo seu jeito de vestir.

A esse respeito, Motta (2012, p. 90) diz que, em meados dos anos 1950, “[...] no panorama social mais amplo, as velhas permaneciam em boa parte diligentes avós ou ‘beatas’ [...]”, ou seja, Ana não quer ter sua imagem remetida a uma época na qual as mulheres maduras estavam identificadas com pessoas recatadas e zelosas, mas a uma época na qual as mulheres já têm direito de não serem julgadas pela roupa que vestem.

Os resquícios de uma época em que prevalecia uma moralidade e um padrão de comportamento podem perseguir as mulheres que vivem no século XXI. Ainda que elas não usem mais decotes ousados e roupas justas como antigamente, como Beatriz comenta, elas se tornam alvo de críticas devido ao modo como se vestem e escolhem suas roupas, posto que a ideia das mulheres mais velhas e o seu modo de vestir está vinculada ainda à solteirona comportada ou à avó atenta, vestida de forma “adequada” a sua idade, cuidando dos netos.

Quando foram questionadas sobre qual teria sido o *look* inesquecível da vida delas, ambas relembrou vestidos de festa que usaram em ocasiões importantes. Beatriz conta que alugou um vestido para um casamento, de uma cor entre o azul e o verde escuro, de alcinha e de cetim liso e brilhoso. O diferencial era uma peça, feita com um tecido fluido e com transparência, que ficava sobre os ombros e presa com um broche. Ela lembra que se sentiu incrível e “chiquérrima”.

Essas também foram as palavras de Ana descrevendo seu vestido verde-água, cujo tecido foi comprado depois de meses de economia e foi confeccionado só para seu deleite, já que não havia nenhuma ocasião especial para usá-lo. Ana diz que quis confeccioná-lo “mesmo que fosse só para se olhar no espelho em casa!”

A memória, segundo Le Goff (1984), é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade e cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos, o que percebemos nas lembranças de Ana quando menciona um vestido do passado.

“Olha, eu acho que foi nos meus 15 anos. Meu pai determinava regras rígidas para a costureira – que era sobrinha dele –, como como o comprimento do vestido, mas ela ficou com pena de mim, pois achou que o vestido estava longo demais e fez uma faixa pra gente poder subir o comprimento! Era um vestido muito bonito. Eu nunca esqueci. E o meu pai nunca ficou sabendo!” A costureira, segundo a entrevistada, sentia pena dela e das mulheres da sua família, já que foram para escola somente para aprender a assinar seus próprios nomes.



As palavras veiculadas em uma memória nos remetem a Motta (2012), ao afirmar que os avanços do feminismo, já desde a década de 1970, transformam o modo com que as mulheres velhas se veem e como são vistas. Segundo a autora, a maioria dessas mulheres se sente muito mais livre e satisfeita hoje do que quando eram jovens e não podiam fazer nada do que desejavam.

Esse é um sentimento muito comum entre as “novas velhas” da sociedade atual, pois aquelas que não tinham um pai severo provavelmente se depararam com barreiras ao casarem, ou ainda de algum outro membro da família que tolhia sua liberdade. Porém, agora, libertas desses vínculos, elas percebem as novas oportunidades e as possibilidades de outro cenário, o que se evidencia no final das entrevistas, quando perguntadas sobre as perspectivas de suas vidas.

Beatriz e Ana afirmam que não se preocupam mais com a carreira profissional nem com grandes conquistas sociais, mas possuem ainda alguns desejos guardados. Ana, por exemplo, de usar uma peça de roupa “toda feita de brilho”, e Beatriz, de usar um vestido que ela nunca usou.

Um fato que chamou a nossa atenção é que ambas assinalam o orgulho e a relação que mantêm com suas netas e demonstram uma grande preocupação para que as coisas sejam diferentes com elas. Segundo elas, o mais importante é que as netas não se sintam presas ou limitadas em relação ao seu estilo de vestir. Para isso, trocam experiências e até mesmo roupas. Ana menciona que sua neta, que tem vinte anos, já usou várias de suas peças de roupa em ocasiões especiais, como “um casquinho de renda muito bonito, que é um dos que ela mais gosta”. Da mesma forma, Beatriz preocupa-se em apoiar as netas na busca pela liberdade e individualidade no vestir.

Por terem vivido o que viveram, as avós colocam-se na posição das netas e imaginam como seriam suas vidas se tivessem tido as mesmas oportunidades que as netas têm. Por outro lado, observamos que as gerações mais jovens desenvolvem um olhar de admiração, inspiração, referência e reconhecimento pelas suas avós.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desses depoimentos, observamos que, assim como a memória, as roupas têm o poder de carregar histórias e podem transmitir sentimentos. As peças contêm lembranças, expressões e resquícios das pessoas que as usam. O sentimento de realização e alegria na rememoração de determinada vestimenta demonstra o quanto uma peça de vestuário é capaz de trazer à tona histórias de vida, com suas alegrias, tristezas, enfim, acionar as sensibilidades inerentes ao ser humano.

O modo como as mulheres se sentem em relação ao seu envelhecimento e como processam isso através da indumentária difere muito de pessoa para pessoa. Pode-se identificar mulheres maduras que sofrem com o envelhecimento, já outras atravessam a barreira dos sessenta anos e sentem-se livres de uma bagagem pesada de obrigações e cobranças que as vinha acompanhando em diferentes momentos de sua vida.



Percebemos que as mudanças que acompanham o envelhecimento estão muito relacionadas com a maneira com que essas mulheres se vestem. As mulheres que têm seu estilo alterado drasticamente não são necessariamente vítimas das opressões e expectativas da sociedade para a mulher velha, mas, sim, usam essa força imposta sobre elas para se libertarem dos muitos ideais e paradigmas que elas mesmas não sentiam mais ou que nunca chegaram a fazer parte da sua personalidade.

Observamos que as vestimentas constituem indicadores sutis de como o passado é representado no presente em relação à personalidade e à memória de um indivíduo, ou seja, relaciona temporalidades. No caso das mulheres, a memória implica a maneira com que elas vivem hoje e repassa uma imagem para as gerações seguintes, e o estilo pode ser entendido como um depósito de significados decorrentes da identidade pessoal, muitas vezes, fragmentada, construída e reconstruída incessantemente.

Ao pensarmos sobre a relação entre moda e mulher madura, intencionamos neste estudo trazer à tona a percepção, mesmo que limitada, dos próprios atores sociais, ou seja, Beatriz e Ana, que, mesmo com diferenças sociais e econômicas, fazem parte de uma mesma geração, suas experiências e trajetórias não foram as mesmas e possuem singularidades próprias, no entanto, ao envelhecerem, ao se tornarem mulheres maduras, seus corpos são vistos sem distinção, são corpos velhos e, por isso, a eles nem tudo é permitido. Em uma sociedade que ainda privilegia a juventude e marginaliza seus velhos, Beatriz e Ana estão se saindo muito bem.

REFERÊNCIAS

BARNARD, M. **Moda e Comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2003.

BASSIT, A. Z. Histórias de Mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In: MINAYO, M. C. de S; COIMBRA Jr., C. E. A. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CRANE, D. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Senac, 2006.

DEBERT, G. G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.) **Velhice ou Terceira Idade**. RJ: Editora FGV, 1998.

DUARTE, J; BARROS, A. (Org.) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOLDENBERG, M. (Org.) **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira.

GOLDENBERG, M. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.



KALIL, G. **Chic** – Um guia básico de moda e estilo. 15. ed. São Paulo: Editora Senac, 1998.

KEGLER, L. **A influência da telenovelas nos modos de vestir dos telespectadores**. 2008. 76f Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Design de Moda e Tecnologia) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2008

LE GOFF, J. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi, Memória-História**. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, v. 1, 1984.

LOPES, A.; BERNARDO, C. M.; SILVA, L. H.; MELO, P.; YOKOMIZO, P.; YOSHIOKA, T. Envelhecimento e Velhice: Pistas e reflexões para o campo da moda. In: MESQUITA, C.; CASTILHO, K. (Org.) **Corpo, Moda e Ética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

MALUF, M.; MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, F.; SEVCENKO, N. **História da Vida Privada no Brasil**. V. 3. São Paulo, Cia. das Letras, 1998

MATOS, Juscelina Bárbara Anjos. **Papéis de Mulher-Moda, Identidade e Gênero**. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24501.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2014

MOTTA, A. B. Mulheres Velhas: elas começam a aparecer... In: PINSKY, C. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MORAES, A. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: AMANTINO, M.; DEL PRIORE, M. **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Ed.UNESP, 2011.

OLIVEIRA, A. C. Entre as Plásticas da Moda e o Corpo, o Sujeito. In: CASTILHO, K. **Moda e Linguagem**. 2. ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar – A utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930**. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

STALLYBRASS, P. **O casaco de Marx**. Roupas, memória, dor. São Paulo: Autêntica, 2012.